

INTRODUÇÃO

O direito de brincar está reconhecido na Convenção sobre os Direitos da Criança por ser tão importante como o direito à protecção, à saúde, à liberdade, à dignidade ou à educação. Brincar é algo muito especial que se reflecte na saúde. A entrega total à fantasia, vivendo situações de “faz-de-conta” permite tanto o desenvolvimento pessoal como aptidões sociais.

O jogo é o período “colorido” da vida das crianças, é um tempo muito apreciado e mesmo que a duração do jogo seja curta, parece preencher grande parte do dia da criança. O tempo de jogo é muito valorizado. É um período óptimo de aquisição de valores e atitudes. O mundo em que vivemos corre a um ritmo acelerado, não favorecendo a reflexão dos valores mais importantes da vida. Segundo Hendrick (1990) a infância é um período rico em aprendizagens sociais.

Vivemos numa sociedade consumista e pouco preocupada com os verdadeiros interesses e necessidades da criança. Cada vez mais, são inventadas novas actividades orientadas para ocupar os tempos livres não dando tempo ao crescimento natural e saudável que a infância necessita.

Através da comunicação social, entram diariamente nas nossas casas os brinquedos mais sofisticados, rodeados de comandos e jogos, pondo a electrónica em primeiro plano, não favorecendo o desenvolvimento motor global.

Por outro lado, vemos os recreios das nossas escolas, completamente despidos, dando origem a discussões e jogos de luta. A colocação de equipamentos móveis no recreio parece estar associada à redução do “bullying” na escola. (Marques, Neto e Pereira, 2001). Este conceito define-se pela agressão/vitimação entre pares de forma persistente ao longo de dias, semanas ou meses (Pereira, 2002).

Com este trabalho pretende-se, dar a conhecer uma intervenção realizada nos recreios de uma escola, com um grupo de Jardim de Infância, cujas idades estão compreendidas entre os 3, 4 e 5 anos, num total de 22 crianças.

A criança necessita de pegar, usar e transformar o brinquedo de forma a identificar-se e desenvolver ao máximo as suas capacidades.

Este estudo numa primeira parte fala da relação e cumplicidade que existe entre o brincar, a criança e a saúde; na segunda apresenta-nos a metodologia adoptada, refere os objectivos, a análise e discussão dos resultados e termina com as principais conclusões.

Huizinga (1998) na sua obra “Homo Ludens” refere a essência e o fenómeno do jogo como um fenómeno cultural. A corrente que analisa o jogo sob o ponto de vista biológico não pode explicar a intensidade com que a criança se envolve no jogo e é nesta capacidade de estar implicado no jogo que radica a sua essência (p. 34). A corrente biológica aponta para as funções úteis do jogo como a descarga de energia excedente, o relaxamento de tensões e a preparação para diversas funções (jogos funcionais).

A alegria e a festa são características do próprio jogo. As ocupações primordiais do convívio humano estão impregnadas no jogo (Huizinga, 1998:37).

O jogo, sendo essencial, é factor inovador na adaptação do homem. Sutton-Smith (1967) aponta a actividade lúdica como meio que contribui para a autonomia, flexibilidade e criatividade da criança, sendo através do jogo que desenvolve soluções inovadoras, em vez da reprodução de ideias convencionais.

O jogo, em particular o jogo infantil, parece estar na origem de emoções positivas, associadas a conceitos como a felicidade e o sentido de realização (Eisiedler, 1996: 88).

Pereira e Neto (1997:239) em estudo realizado com crianças dos 3 aos 10 anos confirmaram que as crianças, ocupam os seus tempos livres com actividades lúdicas, em particular com jogos de “faz-de-conta” e jogos de “perseguição” (corridas e apanha). No mesmo estudo, quando compararam, se a actividade predominantemente realizada e a actividade preferida

eram coincidentes, verificaram que as crianças mais velhas (1º ciclo) são mais penalizadas do que as crianças mais novas (Jardim de Infância). Que limitações são essas, associadas à entrada na escola, que impedem as crianças de jogar ao que gostam? Por um lado podemos falar em obrigações acrescidas pela frequência da escola (trabalhos para casa, TPC) e por outro lado perspectiva-se o alargamento dos horizontes quanto à diversidade das actividades a realizar, contudo continuam limitados a determinadas práticas.

O primeiro brinquedo do bebé é o seu próprio corpo, ou o da sua mãe, correspondendo às necessidades naturais daquela idade. No primeiro ano de vida a actividade espontânea da criança ocupa grande parte do seu tempo e é independente do material (Chateau, 1961:11). À medida que a criança cresce o material começa a ter algum significado, sendo contudo um material não específico e utilizado para numerosas actividades diferentes. Nas crianças do 1º ciclo a importância do material redobra e este parece funcionar como promotor do próprio jogo.

Não podemos dividir o corpo do ser humano e explorar apenas uma parte de cada vez, pois somos um todo que é constituído de forma física, mental, moral, espiritual e só desenvolvendo todas estas áreas cresceremos de forma saudável. A brincar a criança vai construindo a sua personalidade, o seu conhecimento, a sua imaginação, as suas capacidades, a tomada de decisões, levando-nos a concluir que a brincadeira é uma actividade séria, do mesmo modo que o trabalho é para o adulto, pois “a criança que brinca verdadeiramente não olha à sua volta como o jogador de cartas num café, mas mergulha-se inteiramente no seu jogo, pois, ele é uma coisa séria” (Chateau, 1961:17). Vários estudos têm sido feitos, no sentido de descobrir a importância da brincadeira na criança, pois a forma como a criança brinca, revela os seus interesses, crenças e convicções. Por vezes a brincadeira é um espelho da vida adulta, representando situações da vida real e onde a criança expressa os seus sentimentos, as suas carências, os seus “conflitos inconscientes, interesses sexuais reprimidos por mecanismos sociais, fobias, defesa perante angústia, agressividade latente, etc.” (Oceano, 1996:138), que nos permitem actuar, convertendo estas situações em aprendizagens e preparação para a vida social e pessoal da criança, conduzindo-a ao sucesso. Hoje em dia, foram-se perdendo algumas características das brincadeiras de outros tempos, necessárias ao desenvolvimento da criança, devido ao ritmo de vida cada vez mais apressado, sério e cansativo, não dispomos de tempo para rir e brincar com as crianças. “Alguns aspectos da mudança reflectem-se, nomeadamente, na rua, na actividade física, na autonomia e nos espaços de recreio. As crianças têm menos tempo para o jogo e para a actividade lúdica espontânea” (Pereira, 2002:22).

Neto (1995) procurou identificar as necessidades de movimento da criança, tendo-as sintetizado em: “movimento, espaço, afectividade, contacto com a natureza, materiais diversificados, exploração do meio, acesso ao jogo, ser livre – poder experimentar e transformar o meio material e institucional, convivência em grupo – companheiros, pais educadores, animadores, etc.” (p. 244-245). Quanto mais a criança brinca, melhor será o seu desenvolvimento sensório-motor, o desenvolvimento intelectual, a socialização, a criatividade, a autoconsciência, a função terapêutica e aperfeiçoamento moral. As brincadeiras ensinam habilidades e capacidades que constituem o centro de inteligência, e a aprendizagem é mais facilmente adquirida em situações agradáveis. “Eis porque nunca é demais repetir que uma infância alegre, cheia de actividades adequadas, é uma garantia para a felicidade da vida de adulto” (Schmidt, 1958, p.109).

As crianças do séc. XXI sofrem cada vez mais de solidão, depressões e esgotamentos provocados pela falta de ocupação livre, espontânea e em grupo que tanto desenvolve a sua personalidade firmando uns alicerces mais resistentes. “Cada vez mais, as crianças brincam sós, dificultando a aprendizagem de competências sociais que lhes permitam inter-agir com os pares” (Pereira, 2002:106).

A criança da aldeia, ainda vai mantendo um “modo de vida” que lhe permite alguma liberdade, explorando, compondo, mexendo, descobrindo e criando, vivenciando experiências em grupo que a vão enriquecendo, concretizando um desejo que é comum a todas as crianças: “Brincar... Brincar bem... Brincar até ao céu...” (Ministério da Educação, 1997:71). Pequenos momentos de brincadeira são grandes momentos de satisfação.

Pensando nas crianças do mundo inteiro e para que todos os adultos possam reflectir um

pouco sobre este tema, podemos colocar uma questão: “É importante brincar? É, e faz muito bem. Brincar, não tem nada que enganar; ao contrário dos antibióticos, nunca se deve fazer de 8 em 8 horas...” (Sá, 2000:77). É por isso urgente que se criem condições em todos os Jardins de Infância, com salas espaçosas, relvados no exterior, material abundante e pessoal bem preparado técnica e pedagogicamente, para dar resposta mais adequada às necessidades da actualidade. Criar bons hábitos de forma a proporcionar saúde, segurança, confiança, rendimento e felicidade.

Objectivos

O principal objectivo deste estudo é compreender, através da observação, o papel da presença dos brinquedos nos recreios escolares na promoção das actividades lúdicas da criança.

Pretendemos ainda perceber as atitudes das crianças quanto à cidadania, cooperação e inter-ajuda.

Pretendemos também compreender a influência positiva da procura dos brinquedos de maior relevância para o desenvolvimento motor e que contribuem para um estilo de vida saudável.

Por fim, temos como objectivo a valorização e preservação do brinquedo tradicional nos Jardins de Infância e Escolas Básicas do 1º ciclo.

Metodologia

O método utilizado para a realização do estudo foi a investigação-acção. Trata-se de uma investigação participativa em educação através da qual é possível adquirir a consciência, “não só dos problemas concretos com que se depara, mas também das causas estruturantes desses problemas” (Erasmie e Lima, 1998: 44).

Consideramos pertinente empregar esta metodologia uma vez que nos propomos realizar uma investigação directa com as crianças, de forma a observar as suas atitudes, consistindo este método “numa abordagem que se revela particularmente atraente para os educadores devido à sua ênfase prática na resolução de problemas ...” (Bell, 2002, p. 22).

O tempo destinado à intervenção tornou-se insuficiente para a conclusão deste projecto. Tal como nos refere Cohen e Manion (citados por Bell, 2002:21), “uma característica importante da pesquisa - acção é o facto de o trabalho não estar terminado quando o projecto acaba. Os participantes continuam a rever, a avaliar e a melhorar a sua prática.”

Para a recolha da informação utilizamos a observação directa e indirecta (vídeo). Na observação directa e sistemática do comportamento da criança, construímos uma grelha de registo dos dados.

Esta grelha foi elaborada como uma tabela de dupla entrada: na parte superior foram colocados os nomes dos brinquedos de forma aleatória e na parte lateral esquerda, os nomes das crianças, por ordem cronológica. Para cada brinquedo havia seis espaços o que permitia seis registos de ocorrência realizada de cinco em cinco minutos, num total de trinta minutos por sessão. Na prática, eram registados de cinco em cinco minutos os brinquedos que cada uma das crianças utilizava.

O registo em vídeo foi útil permitindo uma visão à posteriori sobre aspectos que escaparam à observação em directo. Este meio foi utilizado no primeiro e no quinto dia de cada semana, durante os trinta minutos da intervenção, ou seja, no primeiro e último dia em que as crianças tiveram à sua disposição nos recreios os brinquedos tradicionais (1ª semana) e os brinquedos actuais (2ª semana).

Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por 22 crianças dos 3 aos 5 anos de idade, das quais 12 são do sexo masculino e 10 são do sexo feminino. São crianças que frequentam uma sala única Jardim de Infância Público do meio rural, no litoral.

É um grupo heterogéneo. É considerado um grupo de 3 e 4 anos, composto por 12 crianças do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Dos rapazes há 7 de quatro anos e 5 de três anos. Das raparigas, 7 de quatro anos e 3 de três anos de idade. Tem gostos diversificados, muita energia e alegria. A linguagem é a sua maior dificuldade, apesar dos esforços realizados e evolução verificada, ao longo deste ano lectivo. Gostam de ouvir, contar, dramatizar e inventar histórias e canções; interessam-se por aprender cada vez mais actividades novas, de expressão plástica, jogos e brincadeiras; dançam, saltam, brincam, passeiam e divertem-se, cativando quem os rodeiam. Não necessitam de muitos brinquedos para inventar jogos e brincadeiras, pois fazem-no constantemente com folhas, pedras, paus, garrafas de plástico vazias, etc.

A Escola Básica do 1º. Ciclo e o Jardim de Infância de Agra, Fonte-bona, do Concelho de Esposende, estão integrados no Agrupamento de Escolas de Apúlia.

Experiência realizada. Caracterização do recreio da escola e da intervenção

“Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.”

Artigo 31.º da Convenção sobre os Direitos da Criança

Relativamente ao espaço exterior, o J. I. possui uma grande extensão de área para recreio a toda a volta da escola. Na parte de trás tem um espaço com areia, algumas árvores, um escorrega, dois baloiços e um campo vedado para jogos variados. Tudo isto, embora vedado, está aberto à comunidade, permitindo a sua utilização a todas as crianças da aldeia quando não está a ser usado pela escola. Esta escola está rodeada por campos, proporcionando agradáveis paisagens e ar puro.

Esta intervenção teve a duração de duas semanas, de 24 de Março de 2003 a 4 de Abril de 2003, a primeira semana com brinquedos tradicionais e a segunda com brinquedos actuais.

Diariamente e durante trinta minutos foi dada oportunidade à criança de explorar os brinquedos livremente e sem intervenção do adulto. Não foi dada qualquer explicação do uso dos brinquedos, assim como a sua correcta utilização.

O número de brinquedos disponíveis em cada semana foi suficiente para o número de crianças. Foram usados 16 modelos diferentes, tanto de brinquedos tradicionais, como de brinquedos actuais. O número de exemplares disponíveis por modelo foi variável. Vamos apresentar a designação dos brinquedos tradicionais e actuais e o número de exemplares por modelo.

Brinquedos Tradicionais

Brinquedos Actuais

Andas de lata (3 pares)

Rodas de plástico (3);

Arcos e ganchetas (3+3)

Andas de plástico (2 pares)

Cavalos de pau (6)

Skates (3)

Moinhos de vento (6);

Arcos de plástico (4);

Bolas de trapos (6);

Setas ao alvo (2);

Cordas (3);

Balões (6)

Bufos (3);

Bolas de plástico (6)

Assobios de barro (8);

Cordas com pontas (3);

Botões/caricas (2 sacos);

Berlindes (1 saco);

Travesseirinhas (5);

Assobios de plástico (6);

Elásticos (3);

Raquetes (3 pares);

Telefones de cordel (3);

Sticks (4);

Arcos e flechas (3+3);

Massas (4);

Sacos de zarapilheira (3);

Argolas (4);

Carrinhos de rolamentos (2);).

Telemóveis (3)

Bicicletas com homem (3).

Bolas de sabão (2).

Os brinquedos tradicionais foram na sua maioria confeccionados pelas educadoras envolvidas no projecto com o apoio das crianças e nalguns casos mesmo de familiares. Os únicos brinquedos adquiridos para o efeito foram os assobios de barro (vários tipos) e a bicicleta de madeira com homem. Estes foram adquiridos em Barcelos em casas de artesanato local.

Os brinquedos, por nós definidos com actuais estão disponíveis no mercado em casas da especialidade ou outras não específicas. Os berlindes, era um brinquedo tradicional e ligado ao aproveitamento pela criança, de material de desperdício. Hoje está acessível à criança em qualquer loja. Na perspectiva da criança é um brinquedo actual pois, não viveu numa época em que as tampas das garrafas eram essas bolinhas, que faziam o encanto de todas as crianças.

Descrição da observação em directo

Os brinquedos estavam colocados no campo de jogos, junto à porta, de forma aleatória de maneira que todas as crianças pudessem escolher o brinquedo.

Foi feito o registo da utilização de cada brinquedo de cinco em cinco minutos para cada criança, numa tabela de dupla entrada, durante os trinta minutos de recreio observados da primeira à quinta sessão.

Nos cinco dias de observação, a frequência máxima de registos por criança era trinta, e para o grupo, trinta vezes o número de brinquedos.

Análise dos resultados

A amostra compreende todas as crianças de uma sala de Jardim de Infância, crianças entre os 3 e os 5 anos de idade, num total de 22, das quais 12 são rapazes e 10 raparigas (quadro 1).

Quadro 1 - Identificação das crianças por idade e sexo

Idade

Sexo

3 anos

4 anos

5 anos

Total

Feminino

3

5

2

10

Masculino

4

7

1

12

Total

7

12

3

22

O registo de utilização dos brinquedos mais usados e menos usados no conjunto dos 5 recreios, em cinco dias consecutivos, num período de 2h30m de observação, em directo, é apresentado no quadro 2.

O número de registos foi em vários casos superior a 30 devido há existência de mais do que um brinquedo do mesmo modelo e de alguns brinquedos, que prevíamos de utilização individual, terem sido partilhados por duas ou mais crianças.

- Brinquedos tradicionais e actuais mais e menos usados no total dos cinco dias

Mais usados

Tradicionais

Actuais

Menos usados

Tradicionais

Actuais

2h30m

n

2h30m

n

2h30m

n

2h30m

n

Carro de rolamentos

203

Skate

111

Bufo

0

Andas de plástico

6

Caricas e botões

99

Berlindes

78

Elástico

1

Balões

6

Andas de latas

81

Bolas

77

Saco

2

Argolas

9

Os brinquedos mais usados foram aqueles que permitiram brincadeiras e diversão em conjunto, o que demonstra a necessidade e o gosto de brincar em grupo, permitindo-lhes desfrutar mais do prazer que isso proporciona. Os menos usados foram os menos atractivos e os que teriam que usar individualmente, não dando tanto prazer à criança que procura nos recreios brincar em conjunto, conforme os seus interesses.

As crianças usaram e desfrutaram durante toda a intervenção dos brinquedos tradicionais e actuais sem perder o entusiasmo e a alegria que estas actividades lhes permitem.

Este mundo de sonhos, permitiu-lhes preencher o seu tempo livre, eliminando conflitos, lutas e desavenças, substituindo estes sentimentos por amizade, proximidade e partilha.

Ao longo destas duas semanas não se registaram acidentes.

Contrariando aquilo que certos estudos nos dizem, não se notou qualquer tipo de egocentrismo frequente na idade dos três anos, mas uma cooperação entre as crianças, ajudando-se mutuamente, resolvendo os seus problemas e as suas dificuldades. Os jogos individuais deram lugar aos jogos de grupo. Há uma maior coordenação de movimentos, melhorando a agilidade e o equilíbrio. Utilizam os brinquedos de maneira a lhes proporcionar um maior prazer. A imaginação e criatividade, foram o seu ponto forte, criando situações diversas que nos transportam ao mundo da fantasia. A cada momento que passa, constroem situações mais complexas, o que nos permite analisar que as crianças desenvolvem e evoluem a todos os níveis ao contactarem com este tipo de material e ao deixá-los explorar livremente.

CONCLUSÃO

As funções que as crianças atribuíram aos brinquedos, ultrapassaram de longe a nossa imaginação e expectativas. A escolha das crianças incidiu mais em determinados brinquedos, devido ao seu maior envolvimento físico, maior destreza motora e os que representavam maiores dificuldades. Procuravam os brinquedos mais desconhecidos, devido à consciência que existia de que só os poderiam usar durante determinado tempo. O som dos brinquedos é importante, no sentido de os poderem explorar sem privações, diferente daquilo que acontece nos espaços interiores onde nem sempre podemos fazer o barulho que lhes apetece. Os assobios de barro, embora fossem um brinquedo atractivo e com uma finalidade agradável, por serem demasiado frágeis e partirem com muita facilidade, devem ser usados por crianças mais velhas. Após a experimentação e exploração dos

brinquedos no primeiro dia, as crianças em geral, seleccionavam aqueles que lhes proporcionavam maior prazer, mantendo-se depois fiéis ao mesmo brinquedo.

Após o término da intervenção ficamos com a sensação de que iniciamos um projecto ao qual não podemos dar um fim, pois é de tal forma abrangente que nunca estará terminado. É contagiante a forma como as crianças lidaram com o tema ao ponto de suscitar os interesses de toda a escola (das crianças mais velhas do 1º ciclo). Começaram eles próprios a perguntar à geração dos pais e avós que lhes falassem dos jogos que realizavam quando eram crianças e solicitavam apoio na confecção dos seus próprios brinquedos, utilizando-os em conjunto nos recreios.

Ficou-nos a vontade e a motivação de aprofundar e continuar a desenvolver este estudo pois foi bastante positivo encontrar inúmeras formas de explorar o jogo e o brinquedo nos recreios do Jardim de Infância.

Não podemos esquecer que o mundo em que vivemos corre a um ritmo enorme deixando-nos limitados no que respeita às actividades livres, não orientadas que tanto prazer dão às nossas crianças, facilitando e promovendo as aprendizagens.

As aprendizagens e descobertas no Jardim de Infância encontram-se interligadas entre si desenvolvendo todas as áreas de conteúdos, contribuindo para o desenvolvimento global da criança, promovendo hábitos e atitudes indispensáveis para uma vida activa e participativa.

O movimento é sem dúvida o “material pedagógico” que visa organizar e melhorar o comportamento motor, psíquico e social da criança.

“Uma criança que não sabe jogar, ...será um adulto que não sabe pensar” (Chateau, 1961, p.6).

Recomendamos que cada um de nós, em particular as(os) educadoras(es) de infância e docentes do 1º ciclo se preocupem mais com o jogo e a presença de brinquedos promotores desse jogo nos Jardins de Infância e Escolas do Ensino Básico, 1º e 2º ciclos, investindo e criando mais espaços com qualidade, favoráveis ao desenvolvimento e felicidade das nossas crianças, com o objectivo de dar resposta às suas necessidade de brincar, escolher as próprias brincadeiras e os companheiros de jogo.

BIBLIOGRAFIA

Cabral, A. (1998). Jogos Populares Portugueses. Editorial Domingos Barreira, Porto.

Chateau, J. (1961). A Criança e o Jogo. Editora Atlântida, Coimbra.

Convenção Sobre os Direitos da Criança - Ratificação para Portugal – Resolução da Assembleia da República nº 20/90. Diário da República, Suplemento, nº 211, I Série de 12/09/90.

Eisiedler, W. (1996). Jugar – alegría del juego – problemas pedagógicos y psicológicos básicos del juego infantil. In Instituto para la Investigación del Juego y la Pedagogía del Juego. Homo Ludens. El hombre que juega (p. 87-101), Buenos Aires, O’Higgins.

Erasmí, T. e Lima, L. C. (1998). Investigação e Projectos de Desenvolvimento em Educação. Braga. Unidade de Educação de Adultos, Universidade do Minho.

Hendrick, J. (1990). Education Infantil I. Dimension Física Afectiva y Social. Barcelona, Ediciones CEAC, S.A.

Huizinga, J. (1998). Homo Ludens (1ª edição 1954). Madrid Alianza Editorial SA.

Marques, A. R., Neto, C. e Pereira, B. O. (2001). Changes in school playground to reduce aggressive behaviour. In Martinez, M. (Ed.). Prevention and control of aggression and the impact on its victims, pp. 137-145. New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Ministério da Educação (1997), Organização da Componente de Apoio à Família. Lisboa,

Ministério da Educação.

Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica Núcleo de Educação Pré-escolar (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa, Ministério da Educação.

Neto, C. (1995), Motricidade e jogo na infância. Rio de Janeiro, Sprint.

Neto, C. (1997), Jogo e Desenvolvimento da Criança. Edições FMH Universidade Técnica de Lisboa.

Oceano (1996), Programa de Formação de Educadores. Lisboa, Editora Liarte, 1º Volume.

Oceano (1996), Programa de Formação de Educadores. Lisboa, Editora Liarte, 2º Volume.

Pereira B. O. (Coord.) (2002). Espaços de Lazer para a Infância na Região do Norte / Minho Lima e Alto Trás-os-Montes. Porto, Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente e Comissão de Coordenação da Região Norte (CCRN).

Pereira e Neto (1997.) Pereira, B. O. & Neto, C. (1997). A infância e as práticas lúdicas. Estudo das actividades de tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos. In Pinto, M. & Sarmiento, M. A infância. Contextos e Identidades, p.219-264, Braga: Edições do Centro de Estudos da Criança. Coleção Infans.

Pereira, B.O. (2002), Para uma escola sem violência, Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Porto.

Pereira, Beatriz Oliveira (2002). Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.

Sá, E. (2000). Crianças para sempre. Elvas, Fim de Século Edições.

Schmidt, M. J. (1958). Educar pela recreação. Rio de Janeiro, Livraria Agir.

Sutton-Smith, B. (1967). The role of play in cognitive development. Young Children, 22, 361-370.